

A RELIGIÃO E O TERRORISMO RELIGIOSO

Raquel Júlia Silva Vital¹

1. INTRODUÇÃO

O terrorismo religioso há algum tempo vem sendo objeto de estudo e pesquisa na área das ciências da religião, nas mais variadas partes do mundo e dentro de contextos sociais diversificados. A religião foi, historicamente, o instrumento mais amplo e efetivo da legitimação. Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida e formatada e a presença da religião na origem da sociedade humana foi fundamental.

Os principais conflitos do final do século XX e dos inícios do novo milênio possuem um transfundo religioso. Assim na Irlanda, em Kosovo, na Kachemira, no Afeganistão, no Iraque e no novo Estado Islâmico, extremamente violento. Ficou claro em Paris com o assassinato dos cartunistas e outras pessoas por fundamentalistas islâmicos. Como se integra a religião neste contexto?

Mesmo não constituindo a causa determinante do terrorismo, para muitos, a religião é entendida como um fator agravante dos conflitos de ocupação estrangeira, de desigualdades e de violência. Segundo Krueger (2007, p. 81), “62% dos atentados terroristas têm como alvo sociedades de religião diferente da sua, o que parece ser ainda mais forte em ataques suicidas, onde, como mostra o cientista Robert Pape, em todos os casos analisados de 1980 até 2003, a sociedade ocupante e a ocupada são de religiões diferentes”. Isso acontece porque o movimento de libertação nacional se recrudescer quando a sociedade ocupada sente sua identidade e, portanto, existência, ameaçada por transformações radicais, o que pode ser proporcionado pela diferença religiosa entre ocupantes e ocupados nos campos de refugiados.

Esse tipo de violência se concretiza por meio das pregações religiosas, em ataques às instituições concorrentes no âmbito religioso dos mais adversos, às

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: familiavital5@gmail.com

outras expressões religiosas, principalmente o islamismo. À luz de alguns autores, tentaremos fazer um breve relato sobre a prática da religião e do terrorismo religioso, sem qualquer pretensão de esgotar o assunto.

2. A FUNÇÃO DA RELIGIÃO

O religioso judeu hassídico Abraham Joshua Heschel afirma na sua obra *Deus em busca do Homem* (1975, p. 75) que, “por meio da religião, o homem se liga ao um ser absoluto e originante, ao transcendente”. Assim se compreende quem pratica ou professa qualquer religião. Independentemente dos entendimentos deste ser transcendente ou da religião e das diversas expressões de religiosidade, *a priori* faz-se necessário que todos, crente ou não crente, compreendam o fenômeno com sua especificidade, para discerni-lo dos demais que o circunda. Sobre isso, afirma Mircea Eliade,

é verdade que não existem fenômenos religiosos ‘puros’, assim como não há fenômeno única e exclusivamente religioso. Sendo a religião uma coisa humana, é também, de fato, uma coisa social, linguística e econômica – pois não podemos conceber o homem para além da linguagem e da vida coletiva. Mas seria vão querer explicar a religião por uma destas funções fundamentais que definem o homem, em última análise. [...] Para não sairmos do nosso âmbito: não pensamos contestar que o fenômeno religioso possa ser ultimamente encarado de modos diferentes; mas importa, antes de mais, considerá-lo em si mesmo, naquilo que contém de irreduzível e de original. (ELIADE, 1990, p.17-18).

Mesmo o judaísmo, que se considera religião revelada e conduzida pela mão dos patriarcas Abraão e Moisés, bem como dos profetas, não produzida diretamente pela cultura, não pode prescindir das mediações culturais, sem as quais não seria um fenômeno histórico, datado e comunicável. Portanto, inteligível.

O fenômeno humano e social da religião, sendo um fato simbolicamente plural, relaciona-se com o conjunto da vida de um povo e das pessoas, em particular, sendo uma resposta destas pessoas à experiência com o transcendente. Neste sentido, a religião não só é pluridimensional, permitindo várias formas de leitura ou de interpretação, mas supõe a cultura para veicular sua concepção de transcendente, do homem e do mundo. Aliás, constitui-se em fato duplamente

cultural. Dialeticamente, pode-se afirmar que, ela é influenciada e influencia (LLANO CIFUENTES, 1971, p. 64).

No Brasil, hoje, as crenças de caráter sincrético são realidade a despeito da diferença entre dominadores e dominados, a despeito da necessidade de resistência dos dominados ou de imposição cultural dos dominadores. Antes, estão presentes nas diversas camadas sociais. Elas são realidades que se evidenciam através de elementos não apenas católicos ou das religiões oriundas da África, mas também em outras formas religiosas oriundas de outras tradições, como por exemplo, o kardecismo² que incorpora elementos de religiões orientais, ou como nos chamados movimentos de Nova Era, que se utilizam paralelamente de elementos de diversas orientações religiosas. Elas estão presentes na formação da Umbanda, expressão religiosa eminentemente brasileira³. Elas sobrevivem, e com frequência se ampliam, através da fé e da devoção popular, da relação do indivíduo com a intuição do que para ele se revela como uma manifestação do sagrado, a despeito das teologias específicas das formas religiosas envolvidas que em grande medida a desaprovam. Ousamos dizer que, para ser compreendido em sua esfera, o sagrado não é redutível à luta de classes.

O antigo Israel foi influenciado e acolheu aspectos das religiões dos povos vizinhos, mas o forte monoteísmo javista⁴ conseguiu “purificá-los” de costumes pagãos e impedir a “contaminação dos ídolos”. O Cristianismo, embora não possa ser entendido sem sua dependência originária do Judaísmo, que define a base de seu conteúdo, distingue-se da vinculação devido ao apelo universalista que o obrigou, desde o início, a admitir o processo necessário de enculturação. Por fidelidade a si mesmo e por razões de sobrevivência, a dispensa da circuncisão facilitou ambos os processos. Por estas razões intrínsecas, e devido às primeiras

² Doutrina reencarnacionista formulada por Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, escritor francês, 1804-1869), que pretende explicar, segundo uma perspectiva cristã, o movimento cíclico pelo qual um espírito retorna à existência material após a morte do antigo corpo em que habitava, o período intermediário em que se mantém desencarnado, e a evolução ou regressão de caráter moral e intelectual que experimenta na continuidade deste processo. Cf. https://www.google.com.br/?gferd=cr&ei=dNWVuOLcnM8AeEt4mgDQ&gws_rd=ssl#q=kardecismo. Acessado dia 02 de março de 2016.

³ O pai da umbanda. In: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/o-pai-da-umbanda>. Acessado dia 03 de março de 2016.

⁴ A tradição javista é caracterizada pelo uso do nome (lahweh) Javé para Deus. Essa forma de nominar Deus aparece nos textos em hebraico, da Bíblia Hebraica Stuttgartensia, mas quando foram traduzidos para o português, na maioria das versões, encontramos apenas Senhor ou Deus. Cf. <http://www.abiblia.org/ver.php?id=3923>. Acessado dia 02 de março de 2016.

perseguições em território judaico, adentrou e se difundiu no mundo helênico. Logo após, entrou também em Roma. Nestas incursões, tanto influenciou quanto recebeu forte contribuição das culturas grega e latina, apesar da perseguição do Império Romano. Tornou-se uma Igreja de gentios e não mais de judeus convertidos, a não ser excepcionalmente.

Não sem razão escreveu Samuel P. Huntington em seu conhecido livro *O choque de civilizações* (1997), sobretudo no capítulo três quando ele questiona sobre a civilização universal se ela está se modernizando ou se ocidentalizando como acreditava V. S. Naipaul⁵. Para Huntington,

no mundo moderno, a religião é uma força central, talvez a força central que motiva e mobiliza as pessoas. O que em última análise conta para as pessoas não é a ideologia política nem o interesse econômico; mas aquilo que com que as pessoas se identificam são as convicções religiosas, a família e os credos. É por estas coisas que elas combatem e até estão dispostas a dar a sua vida (HUNTINGTON. 1997. p.79).

Ele critica a política externa norte-americana por nunca ter dado o devido peso ao fator religioso, considerado algo passado e ultrapassado. Ledo engano. É o substrato dos mais graves conflitos que estamos vivendo.

Quer queira ou não, e não obstante o processo de secularização e o “eclipse do sagrado”⁶, grande parte da humanidade se orienta pela cosmovisão religiosa, judaica, cristã, islâmica, xintoísta, budista e outras. Para Fernando Catão (1995, p. 63), “toda religião comporta uma ética e toda ética desemboca numa religião, na mesma medida em que a ética se orienta pelo sentido do transcendente da vida humana”.

As principais religiões estão profundamente ligadas às sociedades onde estão implantadas. Em algumas sociedades, a religião assume tais proporções que o Estado se tornou a expressão direta da própria religião dominante, como aconteceu no Irão. Os chefes religiosos são também chefes políticos - Estado teocrático.

⁵ Sir Vidiadhar Surajprasad Naipaul, é um escritor trinitário e britânico nascido em Trinidad e Tobago. De família indiana, assina seus livros como V. S. Naipaul. Radicou-se na Inglaterra onde foi estudar em 1950, aos dezoito anos. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Vidiadhar_Naipaul. Acessado dia 13 de novembro de 2015.

⁶ NOGUEIRA, E, S. O conceito de autodiscernimento e o eclipse de Deus na modernidade. In: ARAÚJO, Cristiano (Org.). *Instruções II: olhares sobre religião, cultura e sociedade*. Goiânia: Gráfica e Editora América Ltda., 2015.p. 201-215.

Apesar da crescente dessacralização, a influência social da religião continua a ser enorme. Os acontecimentos religiosos são frequentemente assumidos como acontecimentos sociais.

A cultura moderna produziu muitas religiões. Encontrou substitutivo com funções idolátricas, sobretudo a partir do racionalismo, do progresso sem fim, do consumo ilimitado, da acumulação sem limites e outros. Esta consequência já havia sido denunciada por Nietzsche que proclamou a morte de Deus. Não que Deus tenha morrido, pois não seria Deus. É o fato de que os homens mataram Deus.

O Homem Louco [...] Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então (NIETZSCHE, 2001, p. 148).

Com isso queria significar que Deus não é mais ponto de referência para valores fundamentais, para uma coesão por cima entre os humanos. Os efeitos que estamos vivendo em nível planetário: uma humanidade sem rumo, uma solidão atroz e o sentimento de desenraizamento, sem saber para onde a história nos leva.

3. AS RELIGIÕES ESTÃO REENCANTANDO O MUNDO?

Neste aspecto, as religiões estão reencantando o mundo, como afirma Negrão? (1997, p. 67). A este questionamento que muitos estudiosos se fazem, nos pautaremos na visão de Reginaldo Prandi (1997, p. 63), onde ele afirma que “nunca se inventaram tantas religiões como hoje, o que tem levado muitos observadores a acreditarem numa espécie de reencantamento do mundo”. Mas a invenção dessas religiões por si só não dá afirmação de que o mundo está sendo reencantado, e por

mais que as religiões estão presentes no dia a dia do cidadão, as decisões mais importantes não são tomadas tendo Deus como referencia primaz, pelo contrário,

Nossa sociedade não precisa de Deus ou de deuses no seu governo, nem para seu progresso, nem para a eficácia de suas políticas. Quando se invoca Deus, o gesto é meramente parte de uma etiqueta, não é uma interpelação de cuja resposta possamos depender. Nossas inquietações básicas são dirigidas às esferas profanas, ao estado e suas instituições políticas, não a religião, porque o milagre é miúdo e está dentro de cada um, apenas (PRANDI, 1997, p. 64).

Ocorre que hoje o fundamentalismo e o terrorismo que são patologias religiosas, ganharam relevância. Em grande parte se deve ao devastador processo de globalização que passa por cima das diferenças, destrói identidades e impõe hábitos estranhos a eles.

Geralmente, quando isso ocorre, os povos se agarram àquelas instâncias que, historicamente foram os guardiões da identidade. É nas religiões que guardam suas memórias e seus melhores símbolos. Ao se sentirem invadidos como no Iraque e no Afeganistão, com milhares de vítimas, refugiam-se em suas religiões como forma de resistência. Então a questão não é tanto religiosa. Ela é antes política que usa da religião para se autodefender. A invasão gera raiva e vontade de vingança. O fundamentalismo e o terrorismo encontram nesse complexo de questões seu nicho de origem. Daí os atentados do terror. Bauman (1998, p. 224) já prenunciou que “a religião especificamente moderna talvez fosse o fundamentalismo, porque ele exime o homem da culpa ao cometer barbáries”.

O lugar que a religião vem ocupando no mundo globalizado parece demonstrar uma atitude de reencantamento. Seria isso mesmo? Na verdade, alguns cientistas pensam que não. Tudo parece acontecer num ritmo entre pragmatismo e desespero. A religião tem se demonstrado, de um lado, cada vez mais *light*. Mas então porque crescem hoje as religiões? Prandi (1997, p. 68) diz que, “de um lado, porque a sociedade desse mundo desencantado é uma sociedade problemática, descontínua, heterogênea, fragmentada e fragmentária”. É por isso que as religiões crescem, elas prosperam com a pobreza das populações que ficam social e culturalmente para trás.

Há dados inquestionáveis para tal demonstração. Enfrentando-se com uma lista homogênea de problemas que marcam o cotidiano infeliz das

populações pobres – saúde precária, dificuldades materiais, carência de autoestima – muitas e muitas religiões especializam-se como solucionadoras de problemas (em geral de ordem social), cada um com seu método e mérito, oferecendo alternativas de cura e estratégias financeiras que funcionam como serviços, nos quais Deus é apenas o meio (PRANDI, 1997, p. 64).

Neste sentido, as religiões se tornaram mais uma provedora de assistencialismo social do que propriamente de oferta do serviço religioso que lhe constitui, o que não significa que essas instituições religiosas não possam se interessar pelos problemas sociais. Mas o que se observa no cenário atual, seja aqui no Brasil, seja no dos campos de refugiados na Alemanha ou mesmo na Itália, a atuação da religião está muito mais pautada no trabalho de marketing com suas “missões além-fronteiras”, no sentido de propagar aquele segmento religioso do que de cuidar e abraçar, de fato, a situação desses povos.

Rainer Wendt, representante da União de Polícia da Alemanha (DPolG), no dia 29 de agosto de 2015, em entrevista ao *Passauer Neue Presse*, um dos principais jornais da Alemanha, afirmou: “Nós estamos experimentando essa violência por semanas e meses. Esses grupos se unem com base na etnia, na religião ou em estruturas de clã e se atacam com facas e armas caseiras⁷”. De acordo com Wendt, os principais confrontos nas instalações aconteceram entre xiitas e sunitas, que tentavam impor suas regras aos demais, enquanto os cristãos estavam sendo oprimidos por ambos. Alertando sobre os riscos de certos grupos fazerem valer os seus valores e crenças nesses locais, ele também defendeu que aqueles que tiverem cometido crimes na Alemanha devem ser deportados imediatamente, visto que tal posição denota atos de terrorismo.

4. O TERRORISMO RELIGIOSO

Por terrorismo religioso pode-se entender, não apenas de destruição, mas também de derramamento de sangue, executados com intensidade e acentuando o carácter extremo e animal da violência dramática, de modo a desencadear o medo, o desespero, o horror e o pânico, através da arbitrariedade dos atentados,

⁷ Conflitos nos campos de refugiados. Cf. <http://br.sputniknews.com/mundo/20150929/2273030/conflitos-eticos-religiosos-campos-de-refugiados-Alemanha.html>. Acessado dia 02 de março de 2016.

conjugada com a escolha de alvos simbólicos. Mas, como Mark Juergensmeyer⁸ disse em seu livro *O Terror na Mente de Deus — O Crescimento Global da Violência Religiosa* (2001), desde a queda da União Soviética e do fim da Guerra Fria, houve um aumento significativo nos conflitos relacionados com a religião. Segundo ele, a razão para este aumento é porque, desde a queda da URSS, as lutas em nome da religião têm substituído as batalhas entre o Ocidente capitalista e do bloco comunista. As novas lutas, de acordo com Juergensmeyer, “já não enfrentam minha forma de governo contra a sua. É a minha religião e minhas crenças contra sua” (JUERGENSMEYER, 2001, p. 106).

Tal como os rituais religiosos públicos que parecem, ou pretendem, imitar, os atos de terrorismo religioso são, para Mark Juergensmeyer, uma “performance”, isto é, um espetáculo público destinado a ter um enorme impacto emocional nas diversas audiências que pretendem atingir. Neste sentido, eles são, ao mesmo tempo, acontecimentos de “performance” – pois querem fazer um discurso simbólico – e atos “performativos” – pois querem mudar as coisas.

Por seu lado, ainda segundo Juergensmeyer, as vítimas dos atos de terrorismo são tratadas simbolicamente – em virtude da ideologia religiosa legitimadora desses atos – como animais ou seres corruptos e desprezíveis, vítimas expiatórias⁹ pois são arbitrarias e recolhem a unanimidade violenta e reforçam os laços da comunidade que apoia esses atos. O “bode expiatório” possui uma característica que o destaca da massa uniforme: a depender do caso, pode ser um fator econômico – extrema riqueza ou pobreza; físico – portar grande beleza, feiura ou deformidades; religioso – como um muçulmano entre cristãos. Não importa tanto de que sorte é o traço, o indivíduo apenas deve ser, de certo modo, estranho ao grupo de perseguidores. René Girard também cita como exemplos os estrangeiros e os recém-chegados¹⁰, os apátridas.

4.1 A Religião e a Guerra Cósmica

⁸ Mark Juergensmeyer é um estudioso americano em estudos religiosos e de sociologia e um escritor mais conhecidos por seus estudos sobre a violência religiosa e a religião global. Ele também escreve sobre resolução de conflitos na religião do sul da Ásia e da sociedade em geral. Juergensmeyer é um pioneiro no campo dos estudos globais.

⁹ Neste conceito de “vítima expiatória”, o autor se aproxima daquilo que René Girard havia escrito. Cf. GIRARD, René. 2004, p. 30

¹⁰ Cf. GIRARD, René. 2009, p. 65.

A religião apresenta-se oficialmente como uma força social pacificadora, muito embora a violência já estivesse desde os nossos primórdios presente na história das religiões. Basta-se lembrar, por exemplo, da inveja entre os deuses do Olimpo, sobretudo na relação entre si e os seres humanos. Da mesma forma na tradição do Antigo Testamento muitas vezes Deus aparece como ciumento de outras divindades e capaz de castigar e até de matar aos que prestam cultos a deuses estrangeiros. O Novo Testamento também é marcado pela perseguição e violência religiosa contra Jesus de Nazaré, violência que termina com a morte de cruz. A luta entre os deuses e a luta dos homens por seus deuses é tão velha quanto a História humana. A violência é o ingrediente que perpassa essas relações. Nesse particular, é bom lembrar de que, os deuses embora diferentes dos homens, são a sua imagem e semelhança.

Deste modo, a natureza da *guerra cósmica* é geralmente arremetida ao contexto bíblico que percorre, desde o livro do Gênesis até o Novo Testamento (Cf. Is 19; Ez 20; Jo 21). Para os terroristas religiosos, esta justificação bíblica lhes dá permissão para que os atos de terrorismos aconteçam. Eles se sentem participando de uma grande “guerra cósmica”, um confronto escatológico entre as forças do Bem e do Mal que exige o martírio e o sacrifício dos seus atores. Jacob Pandian (1991, p. 136) garante que, “a religião é um meio privilegiado como agente de honra que vinga a dignidade do povo oprimido e afirma a identidade, passando da humilhação à afirmação identitária absoluta, sagrada”. É possível que esta seja a grande justificação moderna para tantas atrocidades em nome da religião e de Deus.

5. CONSIDERAÇÕES

Percorremos um rápido itinerário pela história da religião e dos conflitos religiosos, que buscam explicar o fenômeno atual do retorno massivo das religiões e das “guerras cósmicas” no cenário atual. Neste percurso, percebemos que alguns autores se mostram preocupados diante da função da religião enquanto portadora de sentido e identidade ao “fiel”, e do possível reencantamento do mundo.

Acreditar na superação da violência através das religiões é um sonho talvez possível para bem poucas pessoas, mas não é para as sociedades em geral. Também, não podemos afirmar que, a religião seja a grande causadora da violência na sociedade, ainda que muitos creiam que sim. Acredito que as religiões deveriam

converter-se para acolher o fato de que seus ritos, símbolos e mitos devem submeter-se aos desafios e as necessidades das pessoas na história presente. Cada religião deveria cessar de ver seu modo de vida e suas propostas como as melhores para todo mundo.

Os conflitos humanos não são resolvidos pela religião. Então, como superar este impasse civilizacional? Fundamental é viver a ética da hospitalidade, dispor-se a dialogar e aprender com o diferente, viver a tolerância ativa, sentir-se humanos. As religiões precisam se reconhecer mutuamente, entrar em diálogo e buscar convergências mínimas que lhes permitem conviver pacificamente.

Antes de qualquer coisa importa reconhecer o pluralismo religioso, de fato e de direito. A pluralidade se deriva de uma correta compreensão de Deus. Nenhuma religião pode pretender enquadrar o Mistério, a Fonte originária de todo ser ou qualquer nome que quisermos dar à Suprema Realidade, nas malhas de seu discurso e de seus ritos. Se assim fora, Deus seria um pedaço do mundo, na realidade, um ídolo. Ele está sempre mais além e sempre mais acima. Então, há espaço para outras expressões e outras formas de celebrá-lo que não seja exclusivamente através desta religião concreta.

Percebe-se também que a intenção deste trabalho foi mais expositiva do que analítica, mais interrogativa do que afirmativa. E é indagando que terminamos. Deus e as religiões estariam desaparecendo no bojo da crise identitária e do terrorismo religioso, ou ela ainda influencia na sociedade como uma força central? (LLANO CIFUENTES, 1971, p. 64; HUNTINGTON, 1997, p.79; DAWSON, 1957, p.128). Estaria decretado o fim do divino e sua morte? (NIETZSCHE, 2001, p. 148). Que dizer da louvável tentativa de filósofos pós-modernos em superar a “morte de Deus”, voltando-se, porém, a um divino e a uma religião para além de metafísica e da ontoteologia? Será, de fato, a religião a portadora e mantenedora da violência demonstrativa e do terrorismo na sociedade atual? (JUERGENSEMEYER, 2001, p. 106).

Este trabalho não teve a pretensão de encerrar as possibilidades de outras leituras, acerca do que aqui denominamos “A religião e o terrorismo religioso”. Esperamos que as outras muitas questões que ficaram em aberto possam ser retomadas no diálogo com outras áreas do saber científico. Somos continuamente

desafiados pelos acontecimentos e, se não estivermos alerta para o que se passa ao nosso redor, sobretudo no contexto dos conflitos religiosos atuais, podemos não saber dar uma resposta discernida para justificar o terror destas grandes atrocidades.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama: revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002

DAWSON, Christopher H. *The Dynamics of World History*. London: Sheed and Ward, 1957 – edited by John J. Mulloy. p. 128.

Doutrina reencarnacionista. In: https://www.google.com.br/?gferd=cr&ei=dNWVuOLlcnM8AeEt4mgDQ&gws_rd=ssl#q=kardecismo. Acessado dia 02 de março de 2016.

ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o andrógino: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIADE, Mircea: *Tratado de História das Religiões*. Lisboa: Ed. Cosmos, 1990.

El gran conflicto; el bien y el mal. In: <http://www.monografias.com/trabajos101/gran-conflicto-bien-y-mal/gran-conflicto-bien-y-mal.shtml#ixzz41raonzd6>. Acessado dia 02 de março de 2016.

GIRARD, René. *O bode expiatório*. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

GIRARD, René; OUGHOURLIAN, Jean-Michel; LEFORT, Guy. *Coisas Ocultas desde a Fundação do Mundo*. Traduzido por Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

HESCHEL, A. Joshua. *Deus em busca do homem*. Trad. Professor Albérico F. Souza. São Paulo: Paulinas, 1975.

HUNTINGTON, S. P. *O choque de civilizações e a recompensa da rodem mundial*. Tradução de M.H. C. Cortês. São Paulo: objetivo. 1997.

¿Induce la religión a la violencia?. In: <http://them.polylog.org/5/fpa-es.htm>. acessado dia 02 de março de 2016.

JUERGENSMEYER, Mark. *Violence and the Sacred in the modern world*. 1992

JUERGENSMEYER, Mark. *O Terror na Mente de Deus: O crescimento global da violência religiosa*. 3ª ed. University of California Press, 2001.

KRUEGER, Alan B. *What Makes a Terrorist*. Princeton: Princeton University Press, 2007.

LLANO CIFUENTES, Rafael. *Relações entre a Igreja e o Estado*. José Olympio, 1971.

NEGRÃO, Lísias. *Refazendo antigas e urdindo novas tramas: trajetórias do sagrado*. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, v.18, n. 2, dez. 1997

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, 2001.

NOGUEIRA, E. S. O conceito de autodiscernimento e o eclipse de Deus na modernidade. In: ARAÚJO, Cristiano (Org.). *Instruções II: olhares sobre religião, cultura e sociedade*. Goiânia: Gráfica e Editora América Ltda., 2015.p. 201-215.

O pai da umbanda. In: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/o-pai-da-umbanda>. Acessado dia 03 de março de 2016.

PRANDI, Reginaldo. Religião do planeta global. In: STEIL, Carlos Alberto; ORO, Ari Pedro (Orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PANDIAN, Jacob. *Culture, religion, and the sacred self: a critical introduction to the anthropological study of religion*. Englewood Cliffs, N.J. : Prentice Hall, 1991.

Religião e Violência: a ilusória pacificação do ser humano. In: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=448&cod_boletim=25&tipo=Cr%F4nica. Acessado dia 03 de março de 2016.

Sir Vidiadhar Surajprasad Naipaul. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vidiadhar_Naipaul. Acessado dia 13 de novembro de 2015.

Tradição javista. In: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=3923>. Acessado dia 02 de março de 2016.